

Roberta Guimarães Teixeira

OS CAMINHOS DO PROFESSOR II :
A HISTÓRIA DO CAMALEÃO

OS CAMINHOS DO PROFESSOR II : A HISTÓRIA DO CAMALEÃO

ROBERTA GUIMARÃES TEIXEIRA

Monografia apresentada à Escola de Educação
da UNIRIO como requisito para obtenção da
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Professora Orientadora: ANGELA MARIA SOUZA MARTINS

**Rio de Janeiro
2001**

DEDICATÓRIA

Dedico este ensaio textual à minha mãe, à todas as professoras e professores que de uma forma ou de outra fizeram a diferença em minha vida e fazem a diferença em milhares de outras vidas, fazendo-nos ser o que somos, repletos de fé, esperança, amor e muita paixão pelo que fazemos. Também dedico a todos os colegas, companheiros e amigos do Curso de Graduação de Pedagogia de todas as Faculdades, Universidades e Institutos Superiores de Educação, que se encontram sem rumos, sem perspectivas, sem objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um sentimento que exprime generosidade, humildade e reconhecimento. Por isso agradeço a Deus e aos seus mensageiros de luz que me permitiram concretizar meus ideais e me auxiliaram na descoberta e na trajetória do Curso de Pedagogia, com todos os seus embaraços e conquistas, com todas as tristezas e alegrias. Posso até dizer na descoberta de mim mesma.

Agradeço às experiências, à formação moral, à paciência e ao amor incondicional de minha mãe. Não seria o que sou sem ela.

Agradeço ao meu “anjo da guarda de plantão” que como amigo, namorado, noivo e hoje marido participou e me fortaleceu em todos os instantes de minha graduação.

Agradeço ao incentivo da amiga Sandra Matos e da Professora Elisa Guimarães no meus primórdios na Pedagogia, pelo carinho e reconhecimento.

À inesquecível amiga e professora Angela Martins, pelo exemplo de amor e dedicação à profissão e pelas oportunidades que me deu no projeto de pesquisa, que me rendeu o prêmio de melhor trabalho na área de Educação pelo CNPq na SEDEC/UNIRIO de 2000 e, recentemente, a aprovação para apresentação desta monografia no I Seminário de Educação: Paulo Freire na Contemporaneidade, na UERJ de São Gonçalo.

À professora Terezinha Medeiros, pelo carinho e pelo tempo concedido para a realização desta monografia.

À professora Maria Angela também pelo carinho e incentivo. Enfim, a todas as professoras que fizeram parte da pesquisa, aos professores que ajudaram na construção deste trabalho, aos amigos, colegas e companheiros que estiveram comigo na graduação e fora dela, aos meus irmãos e familiares que amo muito.

RESUMO

Este trabalho é um dos vieses de reflexão do projeto de pesquisa : Resistência ou Decadência ? Análise Histórico-Sócio-Cultural do Trabalho Docente no Rio de Janeiro. Foi feito uma pesquisa de campo, paralelo aos estudos teóricos, com roteiro de entrevista impresso e com gravação, com estilo semi-estruturado, com perguntas abertas e fechadas. Nas entrevistas surgiu a figura do camaleão, o que me fez remontar uma história da minha infância. Assim como o camaleão que se apresenta como um animal versátil e singular, o professor II, está sempre alterando seu caminho profissional (suas cores), de acordo com os desafios da profissão. Das oitenta professoras entrevistadas em cinco escolas da Rede Municipal de ensino do Rio de Janeiro, selecionamos três professoras para analisar criticamente os seus percursos pessoais e profissionais na busca de suas autonomias como valor profissional e moral. Para além de uma mera adaptação o professor II faz uso de sua competência, autocontrole e reflexão crítica como vias para autonomia.

SUMÁRIO

OS CAMINHOS DO PROFESSOR II :

A História do Camaleão

| | |
|---|----|
| Listas Especiais: Ilustrações | 8 |
| Figuras | 9 |
| Introdução | 10 |
| 1. A constituição do ser professora | 14 |
| 1.1. As escolas | 18 |
| 1.2. A escolha da profissão | 20 |
| 1.3. A entrada e permanência na profissão | 21 |
| 2. Os desafios da profissão | 23 |
| 2.1. Ser mulher professora | 25 |
| 2.2. Ser professora executadora | 28 |
| 3. As “cores” assumidas pelas professoras | 30 |
| 3.1. Graus e condições de autonomia | 33 |
| 3.2. O pensamento reflexivo crítico | 37 |
| 3.3. Níveis e fases da autonomia profissional | 40 |
| 4. A diferença na multiplicidade | 44 |
| 4.1. Outras dimensões que fazem a diferença | 46 |
| 5. Considerações Finais | 49 |
| Referências Bibliográficas | 54 |

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 : de Alberto Linhares, do livro de Literatura infanto-juvenil : Bom dia todas as cores de Ruth Rocha, 1998 (p.14).

Ilustração 2 : *idem* (p. 23).

Ilustração 3 : *idem* (p. 30).

Ilustração 4 : *idem* (p. 44).

Ilustração 5 : *idem* (p. 49).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 : Autonomia Profissional como coerência entre o pensamento Reflexivo Crítico e Ação Pedagógica, 1995 (p. 40).

Figura 2 : Fases e níveis de desenvolvimento da Autonomia Profissional, 1995 (p. 42).

Introdução

Há três anos recebemos o convite da Professora Angela Maria Souza Martins, do Departamento de Fundamentos da Educação da UNIRIO, para fazer parte do seu projeto de pesquisa intitulado: RESISTÊNCIA OU DECADÊNCIA? ANÁLISE HISTÓRICO-SÓCIO-CULTURAL DO TRABALHO DOCENTE NO RIO DE JANEIRO, que teve como objetivo o estudo da realidade do trabalho docente no primeiro segmento do ensino fundamental da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, investigação que buscou não só as origens da deteriorização, desvalorização e especificidades do trabalho docente como também as possíveis estratégias de resistência.

Diferente da questão que norteou o projeto de pesquisa, constituiu-se a questão desta monografia, que não deixou de ser um dos vieses de reflexão do projeto.

Utilizamos a figura do camaleão como estratégia para falar de forma criativa, dessas milhares de professoras, que hoje ocupam o centro de grande parte dos debates sobre a educação e no entanto, raramente surgem como sujeitos nesse debate.

A figura do camaleão surgiu a partir das entrevistas realizadas na pesquisa de campo, o que nos fez remontar histórias de nossa própria infância, particularmente a história de Ruth Rocha (1998), onde ela descreve um camaleão que está sempre mudando suas cores, por causa das vontades alheias, mas está em busca de sua própria cor, de sua autonomia.

O que é melhor: ser fiel a si mesmo ou querer agradar sempre a todos ? O que fazer para viver feliz: aquilo de que se gosta ou o de que os outros gostam ? Como ter uma opinião pessoal no meio dos palpites de tanta gente ? Assim como o camaleão que da classe dos répteis apresenta-se como um animal muito singular e versátil pois adota por

mimetismo a cor do lugar em que está, o professor II¹, está sempre alterando o seu caminho profissional (suas cores), de acordo com a ideologia política e cultural do município, que determina o quê ele deve pensar, o quê e como deve ensinar. Mas, para além de uma mera adaptação, a realidade tem mostrado dados plurissignificativos de uma ação pedagógica reflexiva, criativa, crítica e autônoma .

Desde os estudos teóricos realizados na pesquisa, ficava em evidência a questão negativa da ação pedagógica do professor. Dessa visão negativa, estávamos impregnados, quando adentramos na primeira escola. Não podia ser diferente, foi assustador. Foi talvez a nossa perplexidade que nos motivou a buscar outros caminhos, a ter outros olhares. Questionávamos e custávamos acreditar na derrota total da educação. Será que de nada vale ser professor ? Foi então que passamos a encontrar professoras² que fazem a diferença na multiplicidade de professoras que fizeram parte da pesquisa.

Foram entrevistadas na pesquisa de campo, no ano de 2000, oitenta professoras de cinco escolas da rede municipal de ensino. Para a coleta de dados, foi elaborado um roteiro de entrevista impresso e com gravação, com estilo semi-estruturado, com perguntas abertas e fechadas. Selecionamos três categorias fundamentais para analisar historicamente a profissão docente: classe, gênero e profissionalismo.

Foi possível apreender todo o percurso pessoal e profissional das entrevistadas, desde a escolha e entrada para o magistério, perpassando toda a história de renda, de escolaridade e de profissionalismo até a dinâmica das interações sociais, em família, na vida profissional, na vida institucional e no cotidiano. As opiniões, crenças, valores e conceitos se expressaram nas falas e objetivaram as representações das professoras.

Durante as entrevistas, fomos percebendo um número considerável de professoras que conseguem, apesar da grave crise por que passa a rede municipal de ensino, serem engajadas, compromissadas com a causa democrática, dando o melhor de si com

¹ Nomenclatura utilizada pela rede municipal de ensino do Rio de Janeiro para denominar o professor do primeiro segmento do ensino fundamental.

² Utilizamos o termo professoras, no decorrer do corpo desta monografia, quando nos referimos aos dados da pesquisa de campo, já que, aproximadamente, 99% dos professores do primeiro segmento do ensino fundamental foram mulheres.

envolvimento, amorosidade e responsabilidade. Fomos percebendo, também, que essas professoras percorreram diferentes caminhos, assim como o camaleão descrito pela Ruth Rocha (1998), na estruturação de suas ações pedagógicas autônomas.

Mas o que realmente faz a diferença na ação pedagógica das professoras ? Esse e outros questionamentos foram centrais na elaboração desta monografia.

Dando um caráter qualitativo a este trabalho, selecionamos três professoras, do nosso universo de pesquisa. Estas pertenciam a escolas de localidades e públicos diferentes e exerciam o magistério de forma diferenciada. Tivemos como objetivo analisar de modo crítico os caminhos percorridos pelo professor II, mostrando seus percursos pessoais e profissionais na busca de sua autonomia como valor profissional e moral.

Os ângulos em que nos debruçamos foram o da perspectiva histórica e o das Representações Sociais. Paralelo aos dados da pesquisa de campo, realizamos uma pesquisa bibliográfica. O objetivo ficou mais claro, a partir de periódicos encontrados na biblioteca da UFMG.

Não existe uma fórmula para se alcançar uma ação pedagógica infalível. Isto porque as pessoas não são frutas que se cristalizem ou guloseimas que se produzam mediante receita. São mulheres reais, num contexto e com uma história em construção. São pessoas em movimento. O que significa “reconhecer que somos seres *condicionados*, mas não *determinados*. Reconhecer que a História é tempo de possibilidade e não de *determinismo*, que o futuro, permita-se-me reiterar, é *problemático* e não inexorável (Freire, grifo do autor ,1997: 21)”. Também não pretendo articular as idéias que sustentam o processo de identidade dos professores como também as atuais políticas públicas de formação dos professores.

Esta monografia é um trabalho histórico sobre a vida das professoras, interagindo passado e presente, que busca através dos seus depoimentos, a natureza da autonomia pedagógica como condição de ética profissional e de valor pessoal a desenvolver, preservar, incentivar e apreciar, sem ignorar os dilemas e contradições presentes no exercício dessa autonomia no contexto das escolas, que também não deixa de

ser a busca de uma ação pedagógica melhor e mais feliz, onde o pensamento de Paulo Freire, percorre todo o texto.

Iniciamos este trabalho comparando a trajetória das professoras com os processos de mudança impostos ao camaleão, explorando as dimensões pessoais e profissionais da constituição do ser professora e descrevendo as escolas a que pertencem.

Na segunda parte, apresentamos alguns dos desafios da profissão, demonstrando a trajetória histórica da representação do papel da mulher como professora.

Seguindo a análise desses desafios e a mudança de cores do camaleão, na terceira parte, aprofundamos os conceitos pessoais de autonomia e dos níveis e fases da autonomia profissional.

Como o respeito às diferenças é uma das bandeiras defendidas pelo camaleão, na quarta parte, abordamos a complicada relação entre o individual e o coletivo, a diferença e a igualdade.

Após termos percorrido um caminho que tentou demonstrar o quanto é possível sermos o que somos, cheios de valores, virtudes e ideais políticos, finalizamos com algumas considerações em torno do tema selecionado.

Este trabalho são várias palavras de otimismo dirigidas a tantas outras de pessimismo, para que se faça uma reflexão em torno de problemas tão angustiantes e preocupantes, na busca de soluções emergenciais para eles.

1. A constituição do ser professora

Meu amigo Camaleão acordou de bom humor.
- Bom dia, sol, bom dia, flores,
bom dia, todas as cores!



Ilustração 1

Como nos tornamos professoras ? Será que há características idiossincrásicas essenciais nessa constituição ? De que forma a ação pedagógica é influenciada pelas características pessoais e pelo percurso profissional de cada professora ?

Não podemos negar nesse processo de constituição, as mudanças significativas da profissão que ocorreram nessas três últimas décadas. Não estamos afirmando que no passado o professor, principalmente aquele do primeiro segmento do ensino fundamental, desfrutava de condições objetivas ideais, mas houve um acentuado aumento da desvalorização e deteriorização do trabalho do professor. Mas esse será um assunto tratado logo adiante.

A história do passado que se entrelaça com o presente e vice-versa, esboçada pelas representações das professoras, ao mesmo tempo subjetivas e objetivas, individuais e coletivas, nos fez recordar um trecho da leitura de Jacques Le Goff (1993: 34), no qual ele explicita que precisamos “estar atentos às relações entre presente e passado, isto é, compreender o presente pelo passado, mas também compreender o passado pelo presente [...]”.

O passado dessas professoras foi fundamental para entender como elas representam o presente. Para compreender a fala das professoras nas entrevistas foi necessário compreender as relações sociais que elas expressam. Por isso, elegemos o referencial das Representações Sociais, onde a realidade vivida é também representada, onde nesta direção, Minayo assinala:

As Representações Sociais se manifestam em palavras, sentimentos e condutas e se institucionalizam, portanto, podem e devem ser analisadas a partir da compreensão das estruturas e comportamentos sociais. [...] Fruto da vivência das contradições que permeiam o dia-a-dia dos grupos sociais e sua expressão marca o entendimento deles com seus pares, seus contrários e com as instituições.[...] Mas, além disso, as Representações Sociais possuem núcleos positivos de transformação e de resistência na forma de conceber a realidade. Portanto, devem ser analisadas criticamente, uma vez que correspondem às situações reais de vida, [...] tanto o “senso comum” como o “bom senso”, [...] são sistemas de representações sociais empíricos e observáveis, capazes de revelar a natureza contraditória da organização em que os atores sociais estão inseridos. (grifo da autora, 1995: 108/9)

Desde a década de oitenta, segundo Nóvoa (1995b), a literatura pedagógica foi invadida por obras que recolocaram os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas da investigação, onde progressivamente foi se tendo um olhar específico sobre a vida e a pessoa do professor. Não podia deixar de destacar a primorosa frase que ele destaca de Jennifer Dias (1995b:15): “o professor é a pessoa; e uma parte importante da pessoa é o professor.”

A maneira como cada professora ensina está diretamente ligada com o que ela é como pessoa, sendo assim é impossível separar o eu profissional do eu pessoal.

Alguns autores estudados como Huberman (1995b)³, colocam que há fases, caminhos, um ciclo de vida profissional dos professores, onde ocorrem crises, estabilizações, desestabilizações, na tentativa de compreender o destino profissional dos professores, bem como os determinantes desse destino.

Sanches (1995) também fala desse ciclo, mas assinalando os níveis e fases de uma autonomia profissional. Considera que a autonomia está intimamente ligada à história pessoal, fator inseparável da construção da personalidade de cada sujeito. Para ela, só se pode compreender a autonomia profissional se examinada à luz da história pessoal, das vicissitudes da história profissional que nela emerge e se afirma. Que relação existe entre o sentido pessoal de autonomia profissional das professoras e sua ação pedagógica ? Que passado profissional, que história pessoal levou a essa identificação pessoal ? Trata-se de um conjunto de questões, ainda largamente por responder, que serão explicitadas nos próximos tópicos.

Para falar de autonomia profissional é preciso clarificar o conceito de autonomia, que teve diferentes significados ao longo da história da humanidade.

É preciso remontar aos gregos, para falar da evolução semântica desse conceito, para quem, etimologicamente, autonomia (autos = por si mesmo ; nomos = lei, norma) significava autogoverno, autodeterminação, obediência a uma lei cuja origem é interna.

³ HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org). *Vida de professores*. Portugal: Porto, 1995b, p.31-62.

Quer como conceito quer como prática, autonomia tinha uma conotação exclusivamente política, uma vez que se referia à organização e funcionamento da cidade-estado. Significava possuir um governo independente de outras cidades, regular-se por leis emanadas da própria cidade.

Sanches (1995) considera que nesta origem e natureza políticas, o conceito de autonomia apresenta dois aspectos. Um aspecto positivo referente às condições necessárias para se viver segundo leis próprias; e outro aspecto negativo que significa não se estar dependente de ninguém. Nesta acepção, os atenienses, por exemplo, começaram por exercer a autonomia no sentido negativo, ou seja, pela libertação do jugo político e militar de Esparta. Só depois disso, teve lugar o exercício pleno da autonomia com a criação de leis próprias que deram à cidade mecanismos de autocontrole, transformando-se desse modo em estado autônomo.

É ainda na filosofia helênica que a autonomia começa a ser entendida como algo valioso que respeita a pessoa, embora em termos diferentes daqueles que, já em tempos mais próximos, seria tratada por Rousseau, Kant e Locke entre outros. É Aristóteles (1999) quem transfere e estende este conceito à esfera da pessoa; ainda assim, a idéia da autonomia pessoal só surge quando analisa conceitos de autarquia e auto-suficiência. Contudo, Aristóteles restringe a análise da idéia de auto-suficiência a questão dos meios necessários, ao sustentar os modos de vida facilitadores da contemplação e do ócio, considerados pelos gregos como condições propícias ao filosofar.

Com o tempo, esta conotação foi-se enriquecendo e diversificando-se para além das explicitações que os gregos lhe deram. Aplicado ao ser humano, como diferença específica da pessoa, o conceito de autonomia ganhou em complexidade, mas também em diversidade de significações e terminologias. Ainda para Sanches (1995), as pessoas parecem criar uma espécie de "santuário inviolável", território subjetivo e capacidade de ação que alguns filósofos e psicólogos designam por autonomia pessoal. Neste sentido, a autonomia significa ser senhor(a) da sua vida, quer em relação aos outros, quer em relação a si mesmo, e também, a capacidade para realizar planos e projetos que se imaginem e

desejem para o nosso existir pessoal. Autonomia⁴ também significa: liberdade ou independência moral ou intelectual, o que nos remeteu, coincidentemente, a Paulo Freire.

E Freire elucida, não só na obra: *Pedagogia da Autonomia* (1997), mas em todos os seus livros anteriores e em todo seu discurso e prática, a necessidade do respeito à liberdade intelectual dos indivíduos (educando e educador) como condição essencial para a ação democrática na escola pública, na constituição dos seres históricos-sociais, onde o processo do ato de aprender é determinante em relação ao próprio conteúdo da aprendizagem, pois que perpassa pela moralidade, pelas virtudes e posturas assumidas pelos educadores.

Contudo a análise da autonomia profissional é ainda mais complexa que a semântica da palavra.

Apresentaremos a seguir uma pequena caracterização das escolas onde atuam as professoras selecionadas, bem como seus percursos pessoais e profissionais.

1.1 As escolas

As professoras selecionadas eram de escolas bastante distintas. Diferiam quanto à localização, e conseqüentemente, quanto à clientela que atendiam, à aparência física, aos recursos humanos e materiais. Todas exercem a atual política municipal da divisão das crianças por ciclos.

A escola municipal, que será denominada X⁵, localizada em uma zona de classe média, atende a crianças de um orfanato próximo, crianças da classe média, crianças portadoras de necessidades educativas especiais, como também uma criança soro positivo.

⁴ Retirado do Dicionário Aurélio Eletrônico - século XXI, 1999.

⁵ Não serão citados os nomes oficiais das escolas, nem das professoras selecionadas, por uma questão ética e de respeito a todos os profissionais que fizeram parte da pesquisa.

Possui professoras de Educação Física e Artes, tem um espaço destinado à leitura, projetos culturais de dois em dois meses, com exposição dos trabalhos das crianças para a comunidade e durante as entrevistas estava em construção uma sala, onde serão ministradas aulas de informática. As entrevistas aconteceram nos horários em que as turmas estavam na aula de Educação Física, na sala de leitura ou na aula de Educação Artística. A relação com os pais, é baseada num diálogo constante, através de um comitê de pais que reivindica, orienta, organiza e auxilia outros pais da escola. Há uma boa relação interpessoal entre funcionários, professores, pais e direção. Nessa escola deparamo-nos com a *professora A*, com sua história pessoal e profissional.

Na escola municipal Y, localizada em uma área de classe média baixa do Rio de Janeiro, encontramos a *professora B*. Nessa escola, foi possível perceber um trabalho escolar coletivo, pois há uma integração entre todos os profissionais da escola, em todos os eventos e projetos realizados mensalmente. As crianças da escola são oriundas de comunidades carentes e vivem numa realidade de pobreza e de violência constantes, ora por parte de suas próprias famílias, ora pelo tráfico que domina as comunidades, o que requer uma série de estratégias por parte dos professores e da direção da escola no amparo a essas crianças. A escola também atende crianças com necessidades educativas especiais e as entrevistas foram realizadas nos horários em que as turmas estavam na aula de Educação Física. Não há uma organização de pais que reivindique e/ou auxilie as atividades da escola, há alguns pais que se mobilizam, mas isoladamente. O espaço físico da escola é relativamente pequeno, o que em nada impede a realização dos projetos pedagógicos, que incluem passeios a diversos lugares e instituições do Rio de Janeiro. A escola é considerada pela 5ª CRE como escola modelo, por isso a melhor ou pelo menos a mais prestigiada das escolas dessa CRE.

E por último selecionamos a escola W, que fica próxima a duas das maiores favelas da cidade, sua clientela se caracterizava basicamente por crianças da classe baixa. Nela encontramos a *professora C*. Essa escola foi a que apresentou menor número de professoras e possuía o menor espaço físico das escolas que fizeram parte da pesquisa. Observamos que as professoras trabalhavam de forma isolada, individualizada. Percebemos que não havia um projeto pedagógico efetivo e os profissionais que nela trabalham

apresentaram-se apáticos e cansados. As entrevistas foram realizadas coletiva e individualmente durante os encontros de planejamento e nos horários livres entre uma e outra atividade das professoras. Não constatamos a realização de projetos ou eventos. Não há uma representação de pais embora alguns se mobilizem isoladamente.

1.2 A escolha da profissão

Sem dúvida alguma, escolher uma profissão é algo extremamente difícil, sem falar da realidade neoliberal em que estamos inseridos.

A complexa escolha por uma profissão, torna-se ainda mais complicada, quando não é subjetiva e sim algo imposto por pais e/ou familiares, um dado de fundamental importância a ser analisado e investigado.

No ingresso para o Curso Normal, a *professora A* relatou que a mãe sempre a apoiou, mas o pai achava que ela iria morrer de fome. Optou pelo magistério, porque sempre gostou. Aos nove anos já dava aula em casa para seus colegas da rua e se "sentia muito bem, pelo simples fato de ensinar algo a alguém", tem curso superior e especialização na área de Educação. A *professora B* também falou da presença do ensinar na infância, nas brincadeiras infantis; quando optou pelo Curso Normal, seus pais não tiveram grandes reações, "aceitaram numa boa". Esta professora possui apenas o Curso Normal.

Já a *professora C*, os pais tinham aversão ao Curso Normal e não queriam que sua filha o fizesse, mas por uma ironia da vida, na entrada para o ensino médio, ela concorreu a um curso técnico no Cefet e ao mesmo tempo ao Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Passou nos dois, só que no Cefet, ficou aguardando o desempate e não foi classificada porque tinha idade inferior ao candidato que disputava a mesma vaga. O pai "muito enfurecido" recorreu à Justiça para ver se conseguia a vaga para a filha e enquanto

não saía a resolução da Justiça, ela foi estudando no Instituto e nele terminou o ensino médio. Atualmente faz o curso superior em Pedagogia na Uerj.

1.3 A entrada e a permanência na profissão

Segundo Huberman⁶ há diversos estudos empíricos que falam de um período de "sobrevivência" e de "descoberta" nos primeiros anos de ensino. Define como aspecto de "sobrevivência", o que chama também de "choque do real", a confrontação inicial com a complexidade da situação profissional. No nosso caso, a realidade das professoras do primeiro segmento do ensino fundamental: a pouca ou nenhuma relação entre teoria e prática oferecida nos cursos de formação, o distanciamento dos ideais políticos de educação à realidade cotidiana das escolas, a falta de um plano de carreira, a desvalorização e deteriorização do trabalho do professor.

Em contrapartida, aborda o aspecto da "descoberta", que traduz o entusiasmo inicial, a experimentação, a exaltação por estar, finalmente, em situação de responsabilidade (ter sua sala de aula, seus alunos, sua relação com os pais). Interessante ressaltar que não só essas professoras selecionadas, mas o quantitativo geral de professoras entrevistadas, relataram esses estágios iniciais da profissão, lembrando do passado para falar do presente. Ainda, segundo este autor, esses dois aspectos (o da sobrevivência e o da descoberta) são vividos em paralelo e é o segundo aspecto que permite suportar o primeiro.

A entrada, bem como a permanência na profissão, depende da escolha pela profissão professor, o que leva conseqüentemente a atuações diferenciadas no contexto escolar.

Apesar das *professoras A, B e C* terem optado e entrado para o magistério por

⁶ Huberman, *op. cit.*

caminhos diferentes, ambas permanecem na profissão com os mesmos ideais, ora antigos, ora renovados pelo cotidiano. Para a *professora A*, por exemplo: exercer o magistério está na alma, as pessoas da família sempre colocaram : “Ah, como é que você agüenta o dia inteiro essas crianças falando no seu ouvido ?” E ela sempre respondeu: “Eu gosto dessas crianças falando no meu ouvido, sinto falta quando não escuto esses barulhos, essas vozes [...]”. Considera seu trabalho importante pela ação política que desempenha junto aos seus alunos. Acredita que um dos principais papéis do professor na atualidade é o posicionar-se coerente e eticamente.

A *professora B*, que ministra aulas para uma turma de crianças com necessidades educativas especiais, falou do prazer que encontra diariamente, o que faz certamente com que ela permaneça na profissão:

Eu tive um aluno que só fazia bolinha, não escrevia nada, bolinha, bolinha, um ano, dois anos, só bolinha, um dia e eu já estava acostumada com as bolinhas dele, todo mundo estava escrevendo seu nome e então, ele chegou pra mim e disse: “escrevi o meu”, como sempre ele me dava, como sempre eu olhava e retornava para ele, nesse dia eu vi um A, perguntei: “quem fez isso ?” ele: “eu”; “você fez o seu nome?” ele respondeu: “foi” [...]. Peguei o papel sai pela escola mostrando pra todo mundo, eu dei um valor imenso pra aquele A, pois eu sei o sacrifício que foi fazer aquele A, mas de repente para um outro professor de que vale um A; fazer esse escândalo todo por causa de um A? Eu fiz e é esse prazer que me faz continuar aqui, fazendo o que faço.

Ambas se queixaram da falta de respeito, de valorização que há na sociedade e na própria família com relação a profissão que elas desempenham.

2. Os desafios da profissão



Ilustração 2

A atuação dos professores, sem dúvida alguma, está muito diferente daquela do início do século passado, não só pela forma como ela está organizada mas também pelos seus agentes. O público que se adentra nas escolas municipais também mudou. A *professora C* colocou que: "[...] lidamos hoje com uma camada da população que não sabemos ainda nem como lidar, essa que está hoje dentro de sala de aula é uma população nova [...] eu tenho alunos aqui na sala que são miseráveis, que mal têm o que comer e vestir [...]".

Mudanças políticas, sociais, culturais e ideológicas transformaram esta profissão que se pudesse ser resumida em uma palavra, esta seria: EXAUSTÃO.

O que mais nos surpreendeu na pesquisa de campo foi a questão da intensificação do trabalho das professoras. Falta tempo até mesmo para que elas possam pensar sobre o que estão fazendo. Outra questão é o empobrecimento do professor, ocorrido nessas três últimas décadas, como deixa claro o relato da *professora B*:

A pressão política desvaloriza o professor, porque abaixa sua auto-estima, faz com que fique cada vez mais pra baixo, desanimado, deixando assim de lutar, para eles é muito cômodo, é bom [...] eles estão massacrando o professor, tirando todo espaço que ele tem para conversar, se organizar [...] porque cada um fica dentro da sua sala com o seu mundinho, com uma viseira, se descabelando lá dentro [...] então o professor está sozinho, está sem voz e não tem um espaço de reflexão para discutir essas questões, o professor também não tem dinheiro, ele está adoecendo, ficando pobre, o professor que era aquele mestre tão pomposo, que se vestia bem; se veste mal, não pode ir ao dentista, não pode fazer lazer e nem comprar livros.

Como garantir ou até mesmo desejar que a educação tenha uma "certa qualidade" se, na realidade, só se pensa em garantir o quantitativo de alunos na escola e que os mesmos sejam aprovados? Não há propostas que revitalizem a atuação dos professores e nem sequer falam sobre isso. A *professora C* colocou que: "[...] quando o aluno é aprovado (agora todos são aprovados) o mérito foi do aluno, agora se, porventura, ele é reprovado, o problema é do professor."

Vários são os desafios por que passam as milhares de professoras do primeiro segmento do ensino fundamental da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro, traçaremos a seguir alguns dos aspectos mais evidenciados na nossa pesquisa e que já retratam um pouco os caminhos tortuosos dessas professoras em busca de suas autonomias profissionais.

2.1 Ser mulher professora

A discussão em torno da feminização do magistério é sem dúvida bastante complexa. Vale ressaltar que no final do século XIX, algumas correntes de pensamento, propunham que havia diferenças “naturais” entre homens e mulheres. E que às mulheres, por sua constituição natural, cabia socializar as crianças, como parte de suas funções maternas. Foi fácil admitir que a educação das crianças estaria melhor cuidada nas mãos de uma mulher, a professora. Logo, a função de mãe na família era estendida à escola pela pessoa professora.

O conceito de vocação foi muito usado para legitimar o crescente aumento do número de mulheres que ingressavam no magistério. Em nome da natureza feminina e de sua vocação natural, as mulheres se adentraram no magistério, já que era vista pela sociedade, como profissão adequada para o seu sexo; o papel que lhes era exigido na escola era o mesmo que lhes era imputado na família.

A entrada para o magistério também possibilitava a conciliação dos trabalhos domésticos com o trabalho de professora, os horários de trabalho na escola não prejudicava seus afazeres domésticos.

O magistério, enquanto profissão pouco rentável, afastava os homens que deveriam prover o sustento da família. No caso das mulheres, estas poderiam exercer uma profissão mal remunerada, já que não lhes cabia a responsabilidade de “chefes de família”.

Entre o início do século XX e meados dos anos cinquenta, as professoras ocupavam uma posição invejável na escala social. Casar com uma professora era aspiração suprema de muitos homens, seu “status” era semelhante a dos militares.

As condições de trabalho no mundo, não só no Brasil, mudaram significativamente nessas três últimas décadas. Como a escola funciona de acordo com os ditames sociais, ela e os seus agentes também mudaram.

A mulher desempenha hoje um papel social bem diferente daquele desempenhado nos séculos passados. As *professoras A e B* colocaram que são atualmente as “chefes de família” e que suas rendas são a única fonte de sustento.

Verificamos através da pesquisa que a partir da década de setenta, as mulheres buscavam o magistério para alcançar mais rapidamente um posto de trabalho, apesar do excesso de atividades, das más condições materiais das escolas e do desgaste da profissão. Na atualidade, o magistério, para a grande maioria de professoras, ainda é uma das poucas profissões no Brasil que oferece uma certa estabilidade financeira.

Não é só a estabilidade financeira que as fazem resistir aos desafios da profissão, porque mesmo entrando nela com esta intenção, as professoras, como nos disse a *professora B*: “se estão nessa só para ganhar dinheiro, não ficam, são muitas as professoras que desistem” .

A afetividade é um dos instrumentos que ajuda a superar as adversidades do cotidiano e diferencia a classe de outras profissões. Há uma proximidade implícita na profissão, já há várias décadas, à questão maternal, que está no caráter feminino: o cuidar, o afagar, o proteger, o educar. Só que este cuidar tem-se configurado de uma outra forma, é um cuidar responsabilizando-se, orientando, com um compromisso com o outro ser humano. Talvez, por isso, algumas professoras, apesar de não ter escolhido a profissão, encontraram seus caminhos e ainda permanecem nela, apesar das circunstâncias.

Foi possível perceber na descrição das características das escolas das professoras selecionadas, que os alunos com que elas lidam são oriundos, em sua grande maioria, de famílias de baixo poder aquisitivo, levam uma vida difícil, marcada pela

privação de bens materiais e lutam pela sobrevivência. Quanto a relação de afeto que mantêm com seus alunos, as três professoras apresentaram representações diferentes. De acordo com a *professora A*:

No município falta o essencial, muitas das minhas crianças não tem caderno, nem lápis, alguns professores falam: "Ah, isso não impede uma criança de aprender", realmente não impede, mas que ela vai se sentir muito pior do que as outras, ela vai. Tem ainda a balela de que "uma criança descalça, com um lápis no bolso é capaz [...]", ela é capaz, não tenho dúvida disso, mas ela vai olhar para os lados e vai sempre se sentir menor e dizer como já escutei: "que porcaria que eu sou, não tenho aceso a nada". Na minha turma nenhuma criança fica sem caderno ou sem lápis por exemplo, eu converso com os pais que têm melhores condições, eles se organizam e compram o material.

Para as *professoras B e C* a relação de afeto é evidenciada pela ausência da família na educação de seus filhos:

O professor é mais que uma mãe, muito mais que uma avó amiga, você percebe as dificuldades deles, tenta corrigi-los. Eu também trabalho com a Educação Infantil a tarde, eles vêm para cá que nem nasceram, não tem limites, não tem noção de nada, então é você que da tudo isso pra ele [...], é difícil? É difícil. Demora? Demora?

A gente do ensino fundamental percebe uma ausência muito grande da família, na orientação da criança, enquanto ser humano, enquanto indivíduo. O professor acaba tendo que desempenhar esse papel, o que sobrecarrega as nossas responsabilidades, nos preocupamos com o lado afetivo, emocional do aluno [...]. O professor se penaliza por ter essas outras atribuições, nunca foi diferente, por isso que o magistério foi por muito tempo exclusivamente feminino, por causa dessa associação direta com o instinto maternal da mulher.

Revelaram que podem conciliar afetividade com profissionalismo, o que nos faz rever os estereótipos, que foram produzidos ao longo da história da profissão, como também, reconfigurar as profissões que trabalham com as relações humanas.

2.2 Ser professora executadora

Sempre discutíamos no grupo de pesquisa sobre as formas de controle sobre *o quê e como* ensinar (Hypolito, 1997) que tem sido retirado das/os professoras/es, reduzindo a denominação de “trabalhadores da educação” (Louro, 1989)⁷ a meros “tarefeiros da educação”.

Nóvoa (1995a) e Kincheloe (1997) abordam essas práticas de racionalização do ensino que são produzidas no exterior do “mundo dos professores”, por teóricos e vários especialistas. Os professores devem fazer aquilo que disseram para eles fazerem, devendo ser cuidadosos sobre o pensar por eles mesmos, que eventualmente, pode torná-los apáticos, porque perdem o interesse pelos aspectos criativos do ensino, os quais os teriam originalmente atraídos para a profissão.

Vários autores citam esse excesso de controle sobre o professorado (Pessanha, 1994; Hypolito, 1997; Cardoso, 1991; Novaes, 1984; Mello, 1987), inclusive que “o posto de trabalho é bem definido antes mesmo deles começarem a desempenhar os seus papéis (Sacristán, 1995a: 72)⁸”. O professor que entra pela primeira vez na escola, entra num mundo social com regras instituídas que lhe são, em certa medida, estranhas e com as quais pode estar até em desacordo, mas como nos disse a *professora C* “de uma forma ou de outra você terá que exercê-las, querendo ou não, é uma coisa inerente à profissão”.

As professoras do primeiro segmento do ensino fundamental são trabalhadoras incansáveis, enfrentam de modo angustiante as duras condições de trabalho no seu dia-a-dia, são consideradas meras executadoras de suas funções. Frequentemente os seus superiores, obrigam a fazer preenchimentos de fichas, relatórios, avaliações, que as levam a gastar mais tempo com essas tarefas do que consigo próprias, pois que são horas, fins-de-

⁷ Citação retirada do livro de Hypolito (1997).

⁸ SACRISTÁN, J. G. Consciência e acção sobre a prática como libertação profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). *Profissão: Professor*. Portugal: Porto, 1995a, p. 63-92.

semana, feriados prolongados, momentos em que deveriam estar realizando alguma atividade de lazer ou até mesmo descansando junto a suas famílias, rodeadas de papéis, atendendo ao que supõem ser sua tarefa primordial.

Nóvoa (1992b: 24) atribui a submissão dos professores a pelo menos dois dos elementos geradores de tensão e mal-estar entre eles próprios:

Por um lado, a tendência para separar a concepção da execução, isto é, a elaboração dos currículos e dos programas da sua concretização pedagógica; trata-se de um fenômeno social que legitima a intervenção de especialistas científicos e sublinha as características técnicas do trabalho dos professores, provocando uma degradação do seu estatuto e retirando-lhes margens importantes de autonomia profissional. Por outro lado, a tendência no sentido da intensificação do trabalho dos professores, com uma inflação de tarefas diárias e uma sobrecarga permanente de atividades.

Soma-se a esses problemas apontados por Nóvoa, o exercício da atividade com dupla regência, presente na fala das *professoras A e B*, onde dobram suas cargas horárias semanais de vinte e duas horas e meia para quarenta e cinco horas e esse processo de “dobra”, que é historicamente recente, não conta depois financeiramente nem como tempo de serviço em suas aposentadorias.

Pressionadas pela solicitação de execução de projetos alheios, pelo controle exercido sobre seu trabalho e por salários nem um pouco satisfatórios, as professoras encontram-se estressadas, cansadas e impotentes.

A profissão agrega, já de longa data, diferentes conhecimentos e habilidades que são exclusivas da profissão. São inúmeras as atividades que as professoras têm que desempenhar no seu dia-a-dia, tornando-se desafios, e geralmente, essas professoras criam estratégias para enfrentar esses desafios.

3. As “cores” assumidas pelas professoras

Logo que saiu de casa, o Camaleão encontrou o professor Pernilongo :

— Bom dia, Camaleão ! Mas o que é isso, meu irmão ?

Por que é que mudou de cor ? Essa cor não lhe cai bem ...

Olhe para o azul do céu. Por que não fica azul também ?

Na pracinha da floresta, vinha o senhor Louva-a-deus com a sua família : — Bom dia, Camaleão ! Que cor mais escandalosa !

Parece até fantasia pra baile de carnaval ...

você devia arranjar uma cor mais natural ...



Vocês agora já sabem como era o Camaleão.
Bastava que alguém falasse, mudava de opinião.
Ficava roxo, amarelo, ficava cor-de-pavão.
Ficava de toda cor. Não sabia dizer NÃO.

Ilustração 3

Ferreira (1999), expõe alguns periódicos do Jornal do Brasil no seu livro, que retratam a representação dos diferentes papéis ("cores") assumidos pelos professores:

Verdadeiro realizador da grande obra da educação tem o professor o seu mais elevado lugar dentro das camadas sociais de todos os povos que atingiram o grau mais alto de compreensão e de cultura. (grifo do autor, JB, 15/10/1947 : 6)

O mestre, essa personagem continuadora dos *santos* e bons princípios do mundo [...]. Em todo mestre existe algo de *transcendental*, de iluminoso, de vibrante. Sua figura que nos apresenta desde os primeiros dias da infância, figura principal de nossas preocupações infantis, gente que nos transmite nos caracteres da escrita as primeiras emoções da leitura, pessoa diferente das demais dentro do nosso mundo irreal de criança, tem sempre um pouco de *Anjo* e um pouco de *Deus* [...]. (grifo do autor, JB, 15/10/1950 : 6)

Essa nobilizante *missão* comparada a um autêntico *sacerdócio* não deve deixar de ser recordada [...] agrada-nos comparar o magistério ao *sacerdócio* em ambos o espírito deve preponderar. Em ambos a vocação deve se sobrepor aos interesses. Em ambos o egoísmo deve ser dominado pelo altruísmo. (grifo do autor, JB, 15/10/1952 : 5)

Ao professor eram atribuídas a imagem de Santo, Deus e Anjo, uma riqueza de significados que permitem, entre outras possibilidades, a relação entre a imagem do professor e a imagem de um ser espiritual que exerce o ofício de mensageiro entre Deus e os homens ou ainda a imagem de uma pessoa bondosa, caridosa e virtuosa.

A capacidade de sacrificar-se aparece como um dos pré-requisitos da profissão, está quase sempre atrelada ao sacerdote e às suas qualidades, opção de quem possui "dom", "vocação", é capaz de se sacrificar e está pronto para cumprir uma missão respeitável.

Os professores sempre estiveram presos aos ditames externos, primeiramente pela Igreja e, depois pelo Estado, os dois grandes mediadores da profissão docente.

Na atualidade, o professorado sente-se desvalorizado na tomada de decisão, tanto na dinâmica institucional, pela gestão educacional, quanto pelas Políticas Educacionais descontínuas. Expressaram esse sentimento o tempo todo nas entrevistas.

Aliada a toda essa prática de racionalização do ensino, criada por vários especialistas, está a atual política de ensino da rede municipal: o sistema dos ciclos. Em seus depoimentos as professoras explicitaram:

Alguns estudos foram feitos e as crianças estão sendo agrupadas por idade, crianças de seis anos juntas, crianças de sete anos juntas, e por aí vai, a atual política dos ciclos visa minimizar os dados estatísticos, como também, não importa a maturidade dele, ele tem sete anos tem ficar com o grupo da idade dele, não importa a prontidão dele. Quer pior, se uma criança chega do norte por exemplo com nove anos de idade, vai pro sistema de aceleração, junto com crianças repetentes de nove, dez, quatorze anos, crianças que nunca pegaram num lápis. Uma coisa implantada em todas as escolas de uma só vez, sem maiores planejamentos (*depoimento de várias professoras*).

Todas as professoras selecionadas queixaram-se das medidas tomadas pela Secretaria de Educação do Município. Isso deprime, desorganiza e desarticula toda e qualquer interação entre os próprios professores ou com seus alunos:

É uma coisa que reflete diretamente no nosso trabalho, imagine só, um professor pegar uma turma de trinta a quarenta alunos e várias crianças que não sabem ler nem escrever. Esse lado da política dos ciclos está sendo uma coisa muito complicada e por outro lado está deixando de ser prazeroso, pelo excesso de atribuições [...] os professores estão insatisfeitos, deprimidos, são muitas as questões que estão denegrindo a imagem dos professores, não só do ensino fundamental. Ter ou manter qualquer interação/mediação com os alunos e/ou professores está praticamente impossível (*depoimento da professora C*).

E no momento em que mais precisam, talvez, lutar por melhores condições salariais, são assoladas por inúmeras tarefas como relatou a *professora B*: "as professoras na atualidade atuam como psicólogas, enfermeiras, onde agem por intuição e não por formação", e ainda são mulheres-professoras-esposas-mães-donas de casa. (Cardoso, 1997)⁹

⁹ Expressão citada no singular no livro de Hypolito (1997 : 70).

E todas essas exigências dificultam a partilha de experiências e a reflexão coletiva sobre a ação pedagógica, onde o professor desloca a autoconsciência de classe para apenas o exercício da ação pedagógica, constituindo o espaço escolar, modernamente, um espaço de desencontro.

Como citado no capítulo anterior, a intensificação é com certeza um marco, talvez não só do trabalho das professoras, mas das várias instâncias de trabalho em nosso país. E essa intensificação está ligada à política neoliberal, que gera, por consequência, o individualismo crescente. O posicionamento, a atuação pedagógica está sempre sendo influenciada por essa política, que contribui para uma redução da autonomia das professoras.

Todavia, para a *professora B*, o processo de racionalização e de controle sobre o trabalho das professoras, “não ultrapassa a porta da sala de aula”. As professoras selecionadas são autônomas na ação pedagógica e vibram com os resultados obtidos com os seus alunos, seguindo o caminho da “contramão” que tiveram que tomar para se realizarem profissional e pessoalmente.

Infelizmente, a grande maioria das professoras que fizeram parte da pesquisa, estão perdidas, desoladas, sem perspectivas, sem terem ou criarem alternativas de revitalização pessoal e profissional.

Ancorada a esse mundo complexo de crenças, valores e imposições, está a ação autônoma dos seres, aqui representada pelas professoras, que são obrigadas a assumir, diferentes cores, nesses processos de ser e estar da profissão.

3.1 Graus e condições de autonomia

Um dos critérios que nos levou a selecionar essas três professoras foi o fato de

elas declararem ser compromissadas com a formação da cidadania de seus alunos, como nos disse a *professora A*:

Considero meu trabalho importante pela relação política que desempenho. Eu quero que o meu aluno cresça consciente do seu papel na sociedade, só assim o nosso país pode mudar. Se todo dia você faz eles pensarem sobre as questões do mundo, da nossa comunidade, eles podem e poderão agir melhor. Sempre falei de política, de cidadania, de uma forma sutil, alguém tem que conversar isso com eles, acho que esse é o papel do professor: despertar.

É esse compromisso que norteia suas atuações, é ele que as inquieta e as leva a se aprimorarem, a buscarem novas alternativas de ensino. É ele que as faz serem antes de tudo, professoras extremamente responsáveis.

Eu procuro fazer um bom trabalho. Fico deprimida quando não consigo. Não fico um fim de semana sem pensar nas crianças, faço muita coisa em casa, porque eu sei que é importante pra eles, não pro sistema, me preocupo com eles. É uma troca, quando estou meio desanimada, eles levantam o meu astral, eles têm essa magia, há um envolvimento (*depoimento da professora B*).

Há uma responsabilidade ética no exercício da profissão, ética enquanto ética universal do ser humano (Freire, 1997), que inúmeras vezes nem é percebida, tão pouco falada e exemplificada por aqueles que são formadores desses professores. Esse é um valor que faz a diferença, quando falamos dessas professoras. E a autonomia é desenvolvida pela história pessoal de cada uma delas, desses valores representados nos seus depoimentos, que não envolvem apenas os elementos pessoais; implicam a relação com os outros, com o ambiente externo.

O sentido pessoal de autonomia apresenta maior intensidade em momentos cruciais da vida de uma pessoa, em situações difíceis, momentos de viragem, de tomada de decisão. É no modo como a pessoa enfrenta as dificuldades e aproveita as oportunidades que se discerne e se põe à prova o grau de autonomia. Que elementos compõem a estrutura da ação autônoma ?

Algumas pessoas são (ou julgam que são) mais autônomas que outras. A autonomia não pode considerar-se em termos dicotômicos, ter ou não ter autonomia. Há graus de autonomia. Varia em termos de autocontrole, maior ou menor prudência, integridade, autenticidade e autoconfiança. Neste sentido, a autonomia compõe-se de individualidade, capacidade de auto-seleção, autodeterminação e leis internas ao sujeito.

Na perspectiva apresentada por Sanches (1995), a autonomia comporta dimensões de ordem pessoal, relacional e social que se interagem entre si: relação da pessoa consigo mesma, capacidade de atuar de forma independente e relação dos indivíduos com os outros. No quadro da página seguinte, sintetizamos os principais componentes que constituem as condições pessoais da autonomia. Competência crítica, autocontrole e reflexão crítica emergem na complexa interação dessas dimensões. Através dessa interação se desenvolve, expressa e condiciona o exercício pleno da autonomia.

A noção de competência implica sentido de eficácia, no qual se insere a capacidade de conceber finalidades próprias e ser capaz de atuar de tal modo que elas se possam realizar. Quando a *professora A* conversou com os pais sobre a falta de material de alguns de seus alunos, ela usou essa noção de competência, não esperou que os pais daqueles alunos ou a própria escola resolvessem aquela questão, ela mesma poderia resolver, junto ao grupo de pais.

No mapa cognitivo da autonomia, tem lugar central o conceito de consciência de si como pessoa. Como conceito nuclear, agrega o conhecimento de si próprio; a auto-estima, em termos de sentimentos e valor pessoal; e ainda, o sentido de competência, como consciência de ser autor dos efeitos desejados, de autonomia para fazer bem o que decidiu fazer. Ser autônomo requer também a capacidade de agir em função do autocontrole, de gerir e avaliar os impulsos pessoais. Esta relação estreita entre competência e auto-regulação é fundamental. Uma pessoa autônoma, regula-se a si própria e isso exclui a dominação por outros e pelos próprios impulsos. A *professora B* não teve dúvidas ao expor para toda escola, o sacrifício do seu aluno, de escrever o próprio nome, após tantos anos de trabalho, mesmo sabendo que as outras pessoas da escola iriam ridicularizá-la. Portanto, é o seu eu que se interpõe e medeia estas influências. Mas este eu não é mais do que o eu humano competente, o ser humano que adquiriu a capacidade de produzir efeitos

intencionalizados [...]. Sem competência não há eu e, sem eu, não pode existir auto-regulação (Sanches, 1995).

Condições Pessoais da Autonomia

| | |
|-------------------------------------|---|
| INDIVIDUALIDADE | • Sentido de identidade pessoal. |
| POSSE DE SI-MESMO | • Ser senhor(a) da sua pessoa. |
| AUTENTICIDADE PESSOAL GLOBAL | • Valores, ideais, gostos, opiniões e princípios morais próprios. |
| AUTENTICIDADE E INDEPENDÊNCIA MORAL | • Oposição ao conformismo e manipulação em relação a outras pessoas. |
| SENTIDO DE RESPONSABILIDADE | • Análise racional das opiniões e idéias pessoais. |
| INTEGRIDADE | • Escolha do estilo de vida pessoal, idéias políticas (ou outras) em coerência com os seus ideais e interesses. • Mudança de convicções ou opiniões em função de razões pessoais, sem ansiedade ou sentimentos de culpa. |
| AUTOLEGISLAÇÃO | • Racionalidade da vontade pessoal, legisladora, autora e sujeito da lei interna da pessoa. |
| AUTODETERMINAÇÃO | • Desenvolvimento pessoal (não há criação ex-nichilo da autonomia), através do hábito da reflexão racional e uso da autocrítica. |

A autonomia consubstancia, ao mesmo tempo, a competência para agir e o autocontrole. Por outro lado, o autocontrole implica o exercício da reflexão crítica, uma dimensão que aprofunda a conotação da autonomia. O mapa da autonomia é simultaneamente cognitivo e social. É na interação reguladora das influências externas e internas que resulta e se gera o eu competente e autônomo.

3.2 O pensamento reflexivo crítico

Não é de hoje que se fala da urgência e necessidade do professor ser um profissional reflexivo. São inúmeros os autores da Educação que abordam este conceito.

O exercício do pensamento reflexivo, enquanto idéia de que o professor possa desenvolver a sua capacidade reflexiva sobre sua própria ação é um dos valores que norteiam a ação pedagógica autônoma, condição *sine qua non* da autonomia profissional.

Pensar é começar a mudar. Todo ser, porque é imperfeito é passível de mudança, de progresso e de aperfeiçoamento. E isso só é possível a partir de uma reflexão sobre si mesmo e sobre suas ações. Quem não reflete sobre o que faz acomoda-se, repete erros e não se mostra profissional.

No caso das professoras, isso assume conotação mais grave. Elas lidam com gente, com a formação de crianças, que podem ser afetadas por uma conduta inadequada e por conceitos errôneos. A professora que reflete sobre sua prática, nunca se satisfaz com ela, jamais de julga perfeita, concluída, sem possibilidade de aprimoramento. Paulo Freire declara de forma objetiva que faz parte da natureza prática do professor a indagação, a busca, a pesquisa e que uma das tarefas primordiais do professor não é apenas ensinar os conteúdos mas também ensinar a pensar certo. E uma das condições necessárias para pensar certo é “não estarmos demasiadamente certos de nossas certezas (1997: 29-30) ”.

A *professora B* declarou que fica muito triste quando menosprezam sua profissão e quando a chamam de “professorinha”, para ela esse é um conceito que “vem lá de trás da história”, porque não consideravam o professor um profissional. Hoje ela e outras professoras participam de um “monte de seminários, de cursos de aperfeiçoamento” e não é porque ela tem apenas o Curso Normal que não é capaz ou que não deve melhorar o seu trabalho. “Levamos o nosso trabalho muito a sério, somos profissionais sim, profissionais da educação”.

A atuação crítica das professoras, que pressupõe o pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. Na formação permanente (o que seria o ideal) das professoras, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a ação pedagógica. É se pensando criticamente na ação de hoje ou na de ontem que se pode melhorar a próxima. Quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de ser de por que estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar (Freire, 1997: 43-44). E hoje mais do que nunca, não atualizar-se é estagnar e até retroceder.

A reflexão crítica orienta a ação mas também exerce um efeito libertador do controle externo. De que modo ? Possibilitando a desconstrução e reconstrução da ação em novos quadros de referência; privilegiando o pensamento divergente, o confronto entre concepções, originando uma mudança de perspectiva. A reflexão, descortina as razões fundamentais da ação que se pretende realizar. Que razões me levam a desejar atuar deste modo ? Por que é que faço o que faço ?

O sentido de competência resulta de um processo de experiência na profissão, que se atinge quando se é capaz de exercer a reflexão crítica e de se optar por um posicionamento avaliativo em relação aos próprios desejos e ações.

A experiência ressignifica a profissão quando se está nela por opção e por se ter determinados valores e virtudes que condizem com a ação pedagógica correspondente.

A *professora A* tem dezessete anos de experiência no magistério, trabalhou em instituições particulares, mas disse estar se realizando profissionalmente somente agora na direção de uma turma da segunda série do primeiro grau, já tentou outras atividades profissionais, mas não conseguiu exercê-las plenamente, nos disse que :

Mudei muito desde o início da profissão, realmente eu sou outra pessoa [...]. Nesse grupo eu encontrei uma garra muito grande, eles têm força, que vem dos pais, os pais estão muito presentes; as crianças contam com o apoio dos pais, os pais estão sempre na escola, sempre que chamamos eles atendem e valorizam muito o meu trabalho.

É em sua atuação de dezessete anos de magistério que essa professora avalia os elementos centrais da representação social que os pais de seus alunos sempre tiveram. Nessa turma é uma representação forte e sólida.

A *professora B e C* nunca trabalharam na rede particular de ensino. A *professora B* tem dez anos de magistério, com base em sua experiência com os alunos das camadas populares e dos alunos com necessidades educativas especiais, ela tem claro quanto a figura do professor é importante para o aluno:

Só a escola trabalha com eles. Em casa a família não tem condições de ensinar. A maioria dos pais não sabe ler e escrever. Sou o centro de tudo para eles. Na turma das crianças com necessidades educativas especiais, os próprios pais não aceitam seus filhos como são, as dificuldades são muitas, mas o retorno deles é o que mais importa.

A *professora C* apesar de ter apenas cinco anos no magistério, relatou que:

Eu reflito o tempo todo a minha prática e vejo colegas também assim. Buscam novas alternativas, outros caminhos, estão se profissionalizando. O professor já não faz mais caridade, ele está em sala de aula porque tem uma função específica, tem uma responsabilidade específica e tem que cumprir. Hoje você não está mais cuidando, você está educando, uma dicotomia que atrapalha muito o nosso trabalho [...] é preciso haver uma mudança geral, tanto na visão do professor, enquanto profissional, quanto no papel que a escola está desempenhando, enquanto essas questões não forem elucidadas, a escola vai continuar no escuro que ela está hoje.

Na *Figura 1* indicam-se as características que definem a articulação entre pensamento reflexivo crítico e a ação pedagógica autônoma. Da sua coerência resulta a autonomia profissional.

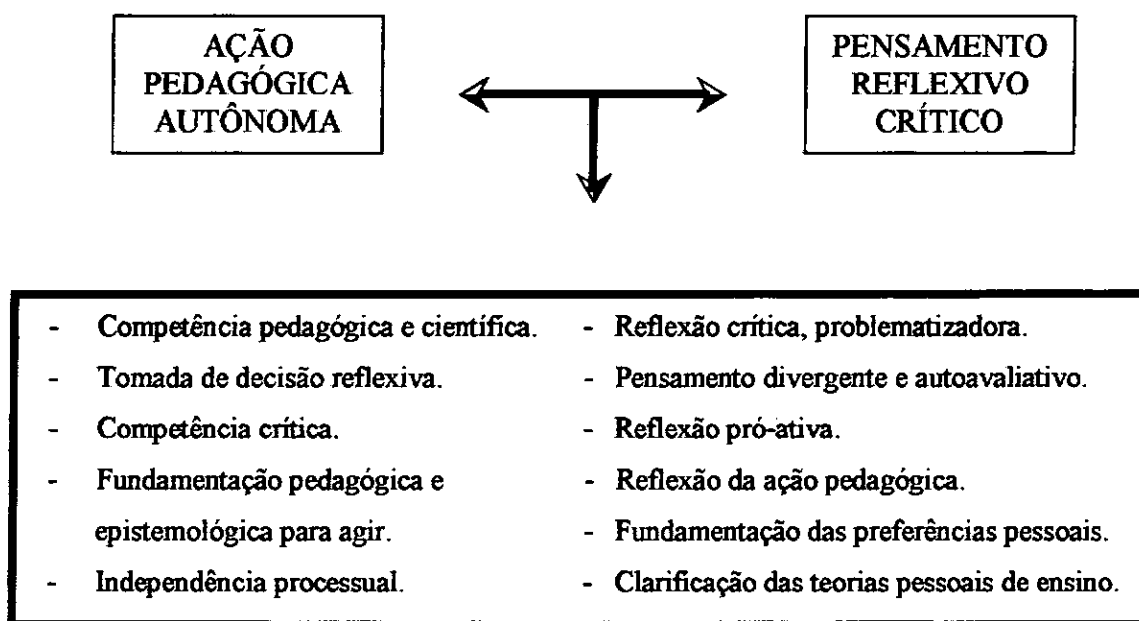


Figura 1
Autonomia Profissional como coerência entre o Pensamento Reflexivo Crítico e Ação Pedagógica

3.3 Níveis e fases da autonomia profissional

Na fase inicial do percurso pessoal, a pessoa começa a ser influenciada pelos referentes mais significantes até ser capaz de instituir as suas próprias regras de ação. Talvez a *professora C*, se tivesse conseguido a vaga no CEFET, por vontade dos pais e não por vontade própria, demoraria mais tempo para se realizar como pessoa e profissionalmente. Pude acompanhar colegas na graduação que como a *professora C*, fizeram o ensino médio e/ou cursos de graduação em outras áreas, também por vontade dos familiares, que após concluírem seguiram o caminho da Educação por vontade própria.

Exemplos deste tipo de heteronomia encontram-se na família como círculo de influência dos pais relativamente à criança e no círculo referencial dos colegas e amigos em relação aos jovens. De modo análogo, também se encontram fases (e momentos) de heteronomia no percurso de desenvolvimento profissional dos professores, no modo como

o professor se referencia em relação aos colegas da escola, à direção e ao sistema educativo, por exemplo.

Para Sanches (1995) ser professor autônomo não obriga ser diferente dos outros professores, mas implica, sem dúvida, no exercício da reflexão crítica sobre se deseja continuar a regular a ação profissional em função de padrões, princípios e valores que são de outros, ou se, pelo contrário, prefere tomar decisões pedagógicas em função da reflexão crítica, tomando seus os saberes, provenientes embora da experiência de outros, encontrando caminhos alternativos, construindo a sua individualidade profissional. Em suma, na medida em que o professor exercita sua capacidade de reflexão ao nível da competência crítica, poderá atingir graus cada vez mais elevados de autonomia, como demonstrado na *figura 1*, onde se sintetizou a relação entre ação e pensamento pedagógico autônomo.

Para resolver alguns problemas típicos de quem inicia a sua carreira profissional, o professor principiante tenta, por vezes, imitar as ações pedagógicas dos professores mais experientes, acreditando que essas práticas funcionam e são eficazes (Sanches, 1993). Contudo, se o professor continua a seguir práticas que não são as suas, adotar as rotinas pedagógicas dos professores experientes, fechando e estreitando o seu repertório a outras ações possíveis, ele não desenvolve as potencialidades da sua autonomia profissional, nem alarga, de forma coerente e sistemática, o seu campo de ação pedagógica. Continua a situar-se ao nível de uma *autonomia básica profissional* (Ver *figura 2*, a seguir).

O professor pode fazer uso da sua capacidade de reflexividade crítica apenas sobre os meios e não sobre os fins a atingir. Pode estar interessado em experimentar outras metodologias de ensino, saber como usar, com eficácia, mas sem se debruçar reflexivamente sobre os efeitos educativos que poderão ter sobre os alunos. Trata-se de uma autonomia que se circunscreve e autolimita no que se refere aos meios.

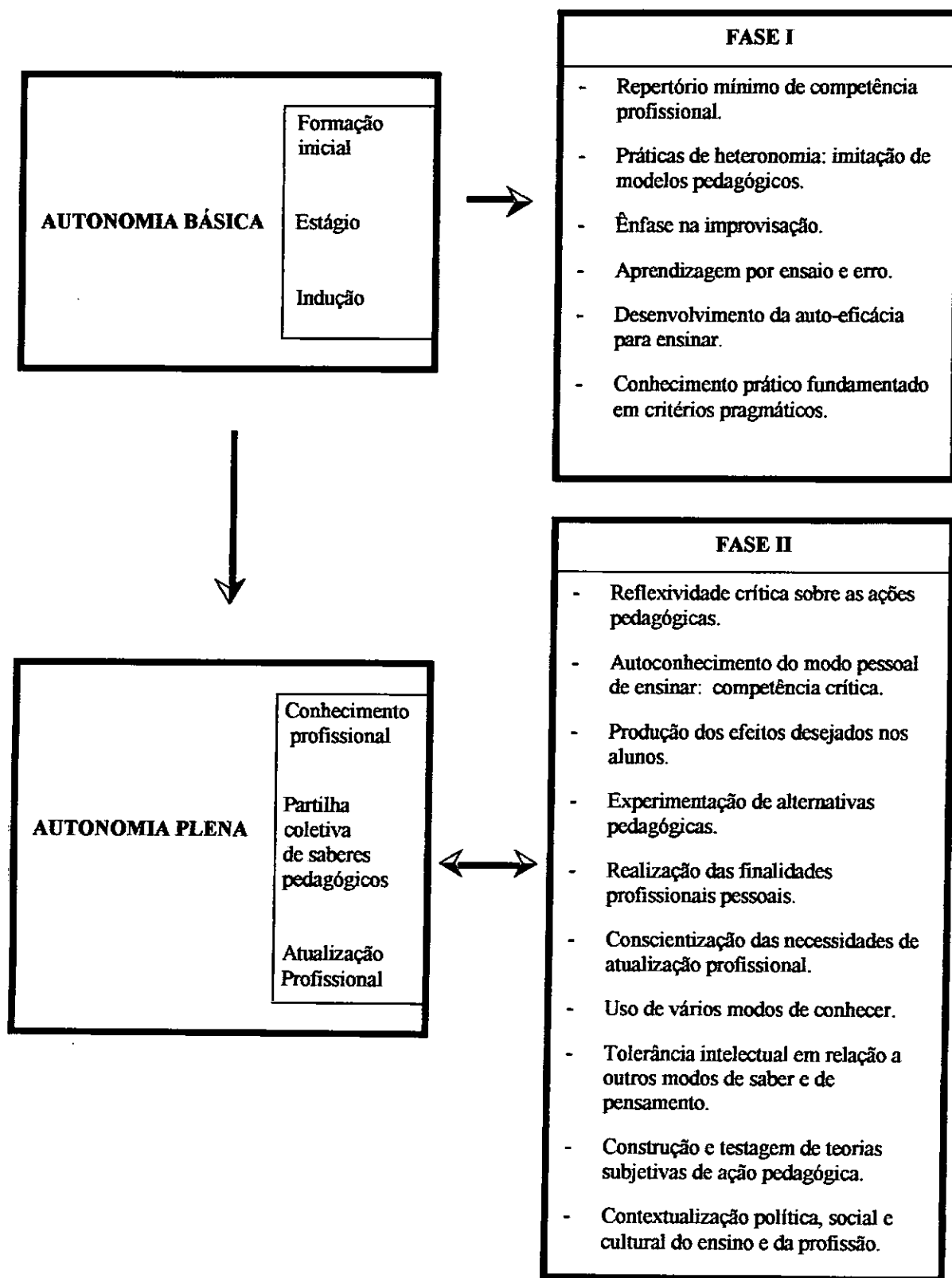


Figura 2
Fases e níveis de desenvolvimento da Autonomia Profissional.

Nesta análise, a autonomia profissional emerge como coerência entre pensamento reflexivo crítico e ação pedagógica, só deste modo se pode atingir uma *autonomia profissional plena*. Todavia importa notar que o conceito de autonomia plena se entende como algo sempre inacabado, que se renova e constrói em tempos e espaços subjetivos. Embora inseridos seqüencialmente num percurso profissional normal, estes dois níveis de autonomia : básica e plena apresentam características distintas. Enquanto a *autonomia básica* é “privada” e fechada, a *autonomia plena* é “pública”, flexível e aberta ao questionamento das práticas, aos efeitos transformadores da reflexividade crítica.

A *autonomia básica* pode tornar-se hegemônica, isto é, afasta alternativas de inovação, restringe-se a uma legitimidade interna, reprodutora dos saberes adquiridos, fundamenta-se em critérios de funcionalidade prática, torna-se conservadora e pragmática. Em contraste, a autonomia plena expõe-se a uma legitimidade interdependente, alargada no exterior, alimenta-se de uma visão holística do trabalho profissional, social e político, vivifica-se através de um processo dialético entre o pensamento e realidade; fundamenta-se num universo axiológico de solidariedade e está imbuída de uma lógica de transformação que integra a pessoa e o profissional.

Enfim, a primeira pode conduzir ao isolamento na medida em que representa uma visão individualista da cultura de ensino. A segunda estabelece uma relação crítica com os saberes, as crenças, as concepções e os valores pessoais, relação essa enriquecedora para o profissional.

4. A diferença na multiplicidade

Quando o sol começou a se pôr no horizonte,
Camaleão resolveu voltar para casa.
Estava cansado do longo passeio
e mais cansado ainda de tanto
mudar de cor.

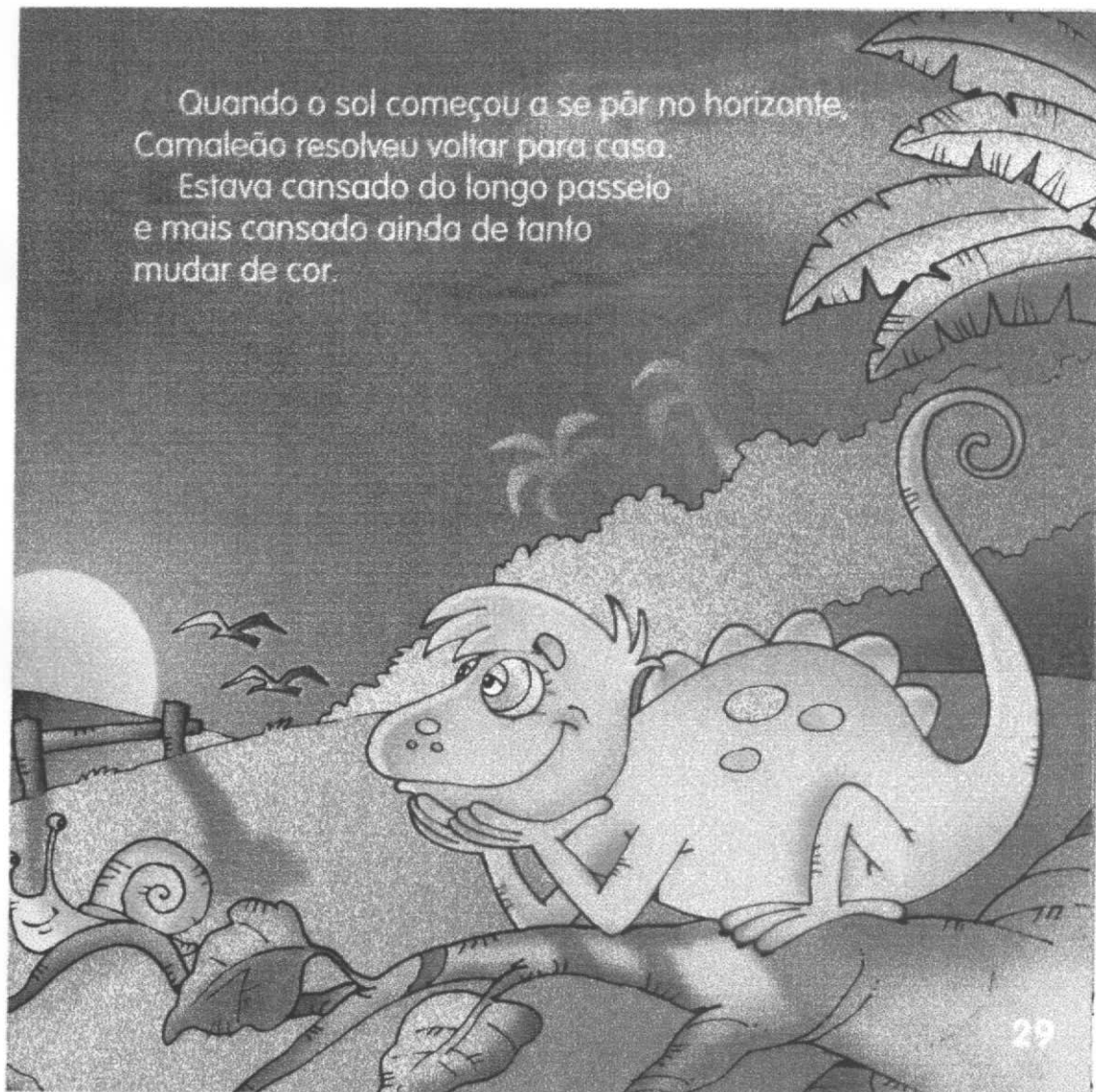


Ilustração 4

— Por mais que a gente se esforce, não pode agradar a todos.
Alguns gostam de farofa. Outros preferem farelo ...
Uns querem comer maçã. Outros preferem marmelo ...
Tem quem goste de sapato. Tem quem goste de chinelo ...
E se não fossem os gostos, que seria do amarelo ?

O próprio camaleão da história de Ruth Rocha (1998) ressalta o quanto é importante os gostos, as preferências, as diferenças das pessoas, para dar talvez conta nesse universo esplêndido de ter sempre alguém que nos complete, que tenha afinidade com nossas idéias ou tão diferente que preencha os nossos vazios existenciais, engrandece e nos faz ver outras dimensões.

Por isso selecionamos professoras diferentes, para falar do quanto são importantes o respeito às diferenças humanas, da valorização de todo e qualquer potencial humano e, por isso também, colocamos na introdução desse trabalho que não há fórmulas para uma ação pedagógica mais plena, há sim sujeitos em construção, em movimento, com suas próprias histórias de vida, que dá margem a explorarmos a multiplicidade de atores na profissão professor e nos faz perceber o quanto somos capazes, cada qual com suas características, de nos transformarmos e transformarmos o coletivo.

De acordo com Freire (1991: 28) “a natureza da prática educativa, a sua necessária diretividade, os objetivos, os sonhos que se perseguem na prática não permitem que ela seja neutra, mas política sempre”. A ação pedagógica é por natureza política enquanto ação que contribui para a constituição da própria individualidade do professor e dos alunos.

A escola é um lugar de conflito. Na sala de aula, estão em jogo interesses, convicções, perspectivas de vida e a realidade de cada um. O professor não pode desconhecer essa diversidade tão rica, curiosamente a riqueza da unidade é o diálogo da diversidade. A igualdade consiste na igualdade da diferença. Somos iguais porque somos inevitavelmente diferentes (Matos, 1997). Pessoas diferentes têm necessidades e visões de mundo diferentes. Todos estamos situados num contexto concreto, todos temos uma história de vida que nos acompanha.

Apesar de seres diferentes e com histórias diferentes, as professoras selecionadas, apresentam com igual valor uma ação pedagógica, como milhares de outras anônimas, que ressignifica a própria ação, apresentam dificuldades, inseguranças, que são inevitáveis, mas não desistem dos seus ideais e dos seus valores.

Depois de percorrer um caminho que demonstrou a passagem de um professor executor para um professor reflexivo, de um professor com uma autonomia básica para uma autonomia plena, apresentarei outros valores que compõem a autonomia plena do professor como valor profissional.

4.1 Outras dimensões que fazem a diferença

Não podíamos deixar, já quase encerrando este trabalho, de falarmos dos espaços sociais e dos valores que emergem da pessoa professor, no processo de construção da autonomia profissional.

É na relação pedagógica que, em geral, transparece e se exerce a autonomia profissional. Como interação social, a relação pedagógica não inclui apenas uma dimensão cognitiva, regula-se por princípios, valores e finalidades educativos próprios que dão corpo a um código de ética profissional. Pela sua complexidade, a reflexão sobre a estrutura da ação pedagógica levanta várias questões: o ato de ensinar é, em si mesmo, um ato de autonomia ? Que aspectos do ensino exigem mais autonomia ? Em que atividades profissionais se manifesta mais predominantemente a autonomia do professor ? Esta reflexão limita-se a alguns aspectos referentes à dimensão da sala de aula como espaço social de autonomia .

Assiste-se hoje a uma tendência para a legitimação da individualidade e independência profissional dos professores, ao invés de uma proposta coletiva de profissionalização. A atual política pública da rede municipal de ensino reduziu o número de encontros (conselhos) dos professores, de um encontro mensal para um encontro a cada dois meses, o que faz com que alguns professores desenvolvam suas atividades de forma isolada, onde professores de uma mesma escola mantêm pouco contato entre si, não discutem o próprio trabalho que desenvolvem, não planejam suas atividades sobre o programa estabelecido no início do ano, não colocam suas dúvidas, incertezas e problemas em comum.

Elaborar uma reflexão do trabalho desenvolvido de forma coletiva é uma dimensão essencial à autonomia profissional; associar-se, juntar-se, colaborar, repartir, socializar, faz com que o trabalho isolado e solitário transforme-se em trabalho coletivo e solidário.

As *professoras A e B* fazem parte de escolas que criam oportunidades, espaços de troca, além do imposto pelo município, onde partilham suas preocupações, expõem suas dúvidas, planejam e decidem suas ações coletivamente para depois realizá-las em sala de aula. Com certeza, o clima de confiança que é gerado nesses encontros ajuda na constituição da ação autônoma plena. A *professora C*, apesar de não estar numa escola que tenha essa preocupação, tem o espaço universitário como espaço de troca, de revitalização, que não deixa de ser um espaço social significativo.

Quando a escola não proporciona espaços sociais que permitam satisfazer plenamente às necessidades profissionais inerentes ao exercício ou ao desenvolvimento da autonomia, os professores podem agir de diferentes modos: acomodar-se e conformar-se, tentar mudar de escola ou ainda, isolar-se em sua sala de aula, anulando-se como profissional.

Constatamos na pesquisa de campo, um número considerável de professoras que agem dessa forma, que fazem o “mínimo possível”, seguindo rotinas diárias. Lutar contra essa rotina, a estagnação, a pressão do dia-a-dia faz-se necessário. Valorizar o coletivo, a força do grupo como apoio, troca de idéias e vivências é uma dimensão que não deve ser desconsiderada na busca da autonomia profissional.

Um dos valores que emergem do professor autônomo é o de não aceitar passivamente a realidade como está sendo imposta, sente-se incomodado e luta, seja no coletivo ou na sua sala de aula, para modificá-la. Não apenas constata o que ocorre, como intervém como sujeito, pois não somos objetos da História, mas sujeitos igualmente, que constata, não para se adaptar, mas para mudar (Freire, 1997: 85-86).

A realidade está extremamente difícil, mas quanto mais “sentarmos e cruzarmos os braços”, pior vai ficando. O bom e mal aluno dependem da atuação do professor em sala

de aula, dos hábitos construídos no espaço escolar, dos referenciais de valores, virtudes, dos exemplos em sala de aula (depoimento da *Professora A*).

O espaço de reflexão crítica, coletiva e constante sobre a prática é essencial para um trabalho que se quer transformador (Vasconcellos, 1995: 67). Para se chegar a um aluno crítico, observador, exigente, que cobra qualidade, que precisa ser formado cidadão, só mesmo um professor também crítico de sua ação e sempre pronto a questionar-se para progredir.

As escolas diferem no seu interior e entre si, e constroem originalidades distintas, porém a atual estrutura geral das escolas parece favorecer a privacidade da sala de aula (tempos padronizados de funcionamento, poucas opções ou nenhum espaço físico, etc.). Contudo importa sublinhar que privacidade não é sinônimo de autonomia profissional plena, também não implica, necessariamente, que essa privacidade facilite o processo de individualidade e crescimento profissional dos professores.

Outras dimensões fazem a diferença quando falamos de professoras que refletem sobre sua ação e sabem que educar é substancialmente formar.

Ser professor autônomo implica opção por um caminho coerente e democrático de ensinar, conhecimento da essência da ação pedagógica, o que torna mais seguro o próprio desempenho. É ter esperança, convicção de que a mudança é possível. É união da decência com boniteza. É saber que a realidade está sendo está, como poderia ser outra, mas para que seja outra precisamos lutar (Freire, 1997).

E finalmente, Freire (1990?) escreveu também que um dos condimentos pedagógicos essenciais do professor autônomo é a capacidade de amar:

[...] Sem amorosidade, não só em relação às crianças, mas em relação ao próprio processo de ensinar e aprender, a professora não se justifica em sua prática [...]. Para amar é preciso cientificamente saber como amar, saber como você pode fazer-se mais eficaz e tornar seu amor meio de libertação e não opressão.

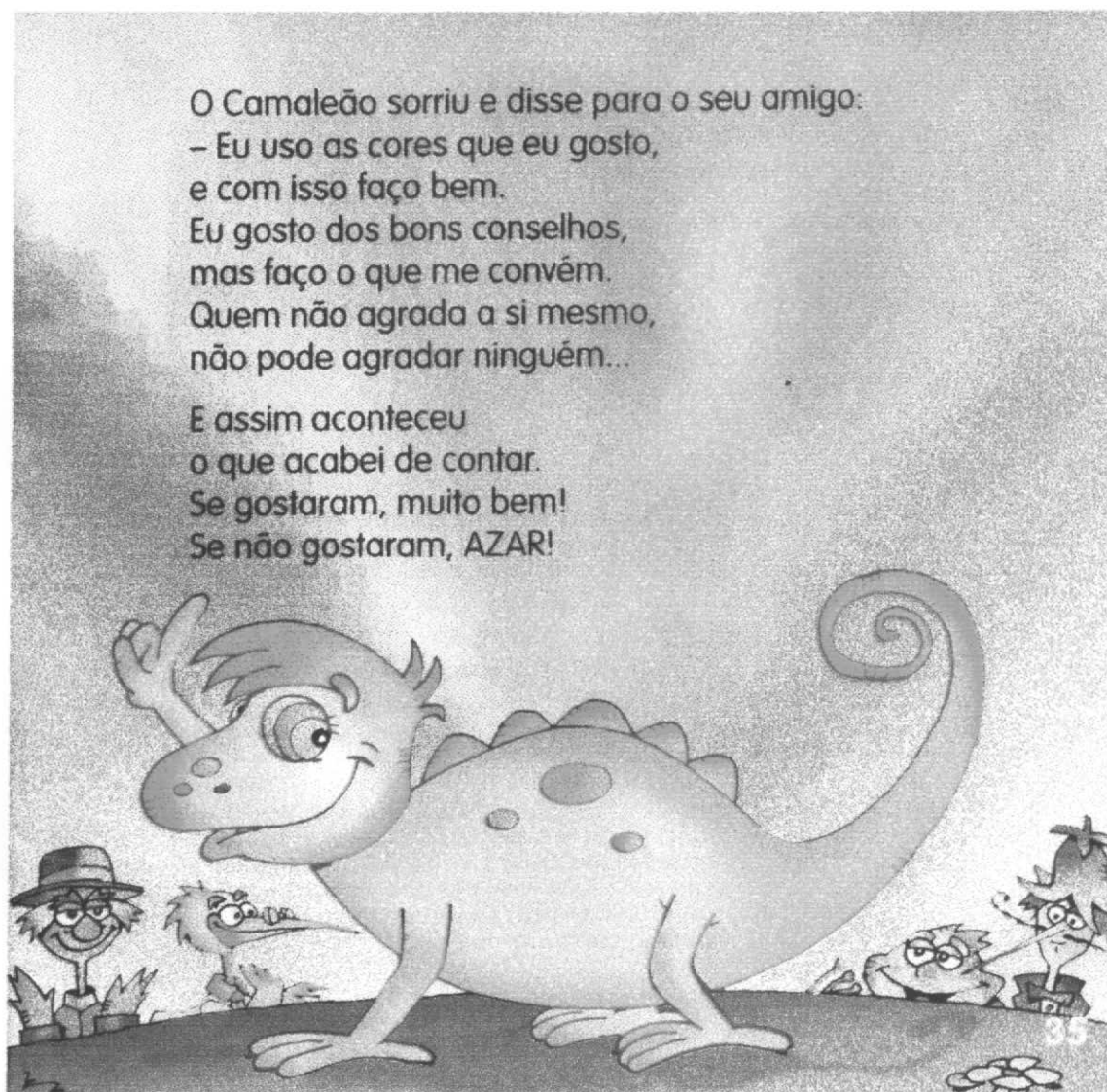
5. Considerações Finais:

Logo que saiu, Camaleão encontrou o sapo Cururu ...

— Muito bom dia, amigo Camaleão !

Mas que cor mais engraçada, antiga, tão desbotada ...

Por que é que você não usa uma cor mais avançada ?



O Camaleão sorriu e disse para o seu amigo:

– Eu uso as cores que eu gosto,
e com isso faço bem.

Eu gosto dos bons conselhos,
mas faço o que me convém.

Quem não agrada a si mesmo,
não pode agradar ninguém...

E assim aconteceu

o que acabei de contar.

Se gostaram, muito bem!

Se não gostaram, AZAR!

Ilustração 5

Conclui-se que a estrutura da ação autônoma é constituída por fatores referentes à relação da pessoa consigo mesma, mas também à relação com os outros. Viuse, ainda, que a sua complexidade, quer da sua estrutura, quer do processo de desenvolvimento, deriva do caráter interativo de fatores tão diversos como a historicidade pessoal e profissional e a natureza axiológica determinadora da ação autônoma.

Examinou-se a autonomia nos seus componentes estruturais : intelectuais e morais. Salientou-se que no processo de crescimento profissional, o professor parte de uma *autonomia básica*, que se desenvolve durante a formação inicial e período de indução, até atingir, no decurso da carreira, uma *autonomia profissional plena*, sob formas e graus diversos. Na progressão da autonomia básica para a autonomia plena, deu-se importância à competência e reflexividade crítica, como também as virtudes intrínsecas da pessoa professor, como vias para a autonomia e chamou-se a atenção para a representação positiva ou negativa dos espaços sociais no desenvolvimento e exercício da autonomia dos professores.

A autonomia das professoras pode ser vista, ainda, sob dois aspectos. Em primeiro lugar, é necessário ter presente que: considerar a autonomia como valor profissional, obriga a respeitar a individualidade do professor, equacionada em termos de maior liberdade para a criatividade na aula e na interação com os alunos. Nesta perspectiva, o direito à autonomia parece conduzir à libertação minuciosa dos colegas e legitimar a busca "privada" de formas e contextos de crescimento profissional. Mas, por outro lado, pode originar situações de isolamento, quer no que respeita aos colegas quer a fontes e recursos de especialização e atualização profissional. Mais, ainda, um sentido radical de autonomia aliada à concepção de que a atuação do professor se confina à esfera da sala de aula pode alienar o professor que não participa de decisões que dizem respeito à vida coletiva da escola como também do desenvolvimento do projeto político pedagógico da escola.

Assim, uma pessoa é autônoma se ela se identifica com os seus desejos, finalidades, valores e se essa identificação não é influenciada por meios que a alienam. Identificar as condições em que a independência processual se realiza envolve distinguir os

modos de influenciar as faculdades reflexivas e críticas das pessoas que a subvertem daquelas que as desenvolvem.

O caráter de historicidade que a autonomia possui apresenta particular relevância para a análise e compreensão da autonomia pedagógica das professoras. Neste sentido, considera-se que o processo de autonomia profissional das professoras é parte integrante do processo mais complexo de socialização e do percurso pessoal e profissional de cada uma. Não é demais salientar a importância de termos descrito a escolha, a entrada e a permanência na profissão, bem como, as experiências vividas nas escolas, que são cruciais na adoção de ações pedagógicas verdadeiramente autônomas que não sejam reduzidas ao individualismo.

Foi possível apresentar que há especificidade no trabalho do professor II, que o diferencia dos demais trabalhadores. E está se tecendo, enredando outras formas de ser e estar na profissão bem diferentes daquela do início do século passado.

Devido a um outro olhar sobre a educação, encontramos professoras com histórias de vida admiráveis, onde demonstraram o quanto se pode fazer por nós mesmos e pela educação.

Não se admitiu em nenhum momento deste trabalho que agir ou ter determinados valores para ação pedagógica autônoma é fácil, “conquista do dia para a noite”, pelo contrário, requer tempo, paciência e experiência. É a soma das conquistas individuais e coletivas, da história pessoal e profissional de cada pessoa.

A reflexão, como ponte para a autonomia profissional, é um gesto em que se procura ver, com clareza, a abrangência e a profundidade da realidade. Ela é um esforço de ampliação e aprofundamento do conhecimento. Requer condições do professor e do contexto em que ele se encontra para seu exercício. Depende também da pessoa do professor, do seu querer, da sua vontade, das condições propiciadas pela própria vida. Para tal, é necessário tempo para pensar sobre si e sobre o coletivo, tempo negado pelas políticas públicas de ensino, justamente para impedir que isso aconteça, porque como disse Nóvoa (1995a: 31) “grande parte do potencial cultural (e mesmo técnico e científico) das

sociedades contemporâneas está concentrado nas escolas.” E este tempo não é feito apenas de espera, mas de esperança como criação de possibilidades – *“quem sabe faz a hora, não espera acontecer.”*

O desafio é viver a temporalidade no seu “estar” (Ponce, 1997), viver cada momento presente, para não deixar a vida escapar pelo vão de nossos dedos, mas sem perder a dimensão de futuro, que se constitui da atualidade e do passado. Estar, desta forma, no presente garante o movimento da vida, não a torna cristalizada; portanto, permite pensar em transformação, numa vida melhor, vivenciando com significado o momento presente. Não é possível exercer a atividade do magistério como se nada ocorresse conosco. É como sair na chuva, sem defesas, e não nos molhar (Freire, 1997 : 108).

Como até agora empreendemos um caminho histórico, ao mesmo tempo de representações e criativo para falar das professoras, contaremos mais uma história que um dia em algum lugar, com determinados pessoas ocorreu:

“Conta-se que um professor preparou sua aula estendendo um grande lençol branco numa das paredes da sala.

Na medida em que os alunos iam entrando, tinham sua curiosidade despertada por aquele objeto estranho estendido bem à sua frente.

O professor iniciou a aula perguntando a todos o que viam. O primeiro que se manifestou disse que via um pontinho negro, no que foi seguido pelos demais. Todos conseguiram ver o pontinho negro que fora colocado, de propósito, no centro do lençol branco.

Depois de perguntar a todos se o ponto negro era a única coisa que viam, e ouvir a resposta afirmativa, o professor lançou outra questão :

- Vocês não estão vendo todo o resto do lençol ? Vocês conseguem somente ver o pequeno ponto preto e não percebem a parte branca, que é muito mais extensa ?

Naquele momento ao alunos entenderam o propósito da aula: ensinar a ampliar e a educar a visão para perceber melhor o conjunto e não ficar ligado somente aos pormenores ou às coisas negativas.

Essa é, na maior parte das vezes, a nossa forma de ver as pessoas e situações. Costumamos dar um peso exagerado às coisas ruins e pouca importância ao que é positivo e bom [...].

É como se nossos olhos só pudessem ver o pequeno ponto negro [...].”

Precisamos educar nossa visão para perceber melhor as coisas boas da vida. Desenvolver a nossa capacidade de ver e valorizar tudo o que nos acontece de bom. Como disse Ferreira Goulart¹⁰: “Fácil é ser pessimista”, porque a realidade é isso mesmo, horrível, pavorosa. Pensar positivo nessa realidade, isso é que é difícil.

¹⁰ Entrevista do dia 15 de abril de 2001, para o programa Conexão Roberto D’Ávila da TV Educativa.

Referências Bibliográficas

ARISTÓTELES. **Poética, Organon, Política e Constituição de Atenas**. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores). Versão inglesa de: W. D. Ron.

CARDOSO, T. **O potencial educativo da organização do trabalho escolar na formação do professor das séries iniciais do primeiro grau**. 1991. 300 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

COSTA, M. C. V. **Trabalho docente e profissionalismo**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

ENGUITA, M. F. A ambigüidade da docência : entre o profissionalismo e a proletarização. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n. 4, p. 41-61, 1991.

_____. **A face oculta da escola: educação e trabalho no capitalismo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio Eletrônico - século XXI**. Desenvolvimento do software de Marcio Ellevy Girão Barroso. São Paulo: Nova Fronteira, 1999. CD-ROM. Produzido por Lexikon Informática Ltda.

FERREIRA, R. **Entre o sagrado e o profano: o lugar social do professor**. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.

FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.

_____. A Prática à altura do sonho. **Revista PRAvaLER**, [S.l.], ano 2, n. 3, p.07, [1990 ?].

_____. **A Educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 1997.

HYPOLITO, A. M. **Trabalho docente, classe social e relações de gênero**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1997.

HYPOLITTO, D. O professor como profissional reflexivo. **Revista Integração – ensino, pesquisa e extensão** da Universidade São Judas Tadeu, ano 5, n.18, p. 204-205, maio 1999.

KINCHELOE, J. L. **A formação do professor como compromisso político: mapeando o pós-moderno**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1997.

- LE GOFF, J. **A história nova**. SP: Martins Fontes, 1993.
- MINAYO, M. C. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, P; JOVCHELOVITCH, S. (orgs). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MARCONDES, M. I. O papel pedagógico-político do professor: dimensões de uma prática reflexiva. **Revista de Educação AEC**. Brasília, v. 26, n. 104, p. 35-44, jul./set. 1997.
- MATOS, J. C. A diferença como pressuposto de igualdade. **Revista de Educação AEC**. Brasília, v. 26, n.103, p. 23-40, abr./jun. 1997.
- MELLO, G. N. **Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.
- MOYSÉS, L. **O desafio de saber ensinar**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.
- NOVAES, M. E. **Professora primária: mestra ou tia**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984. (Coleção Educação Contemporânea).
- NÓVOA, A. (Org.). Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n.4, p. 109-139, 1991.
- _____. Inovação e história da educação. **Teoria e Educação**. Porto Alegre, n.6, p. 210-220, 1992a.
- _____. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: D. Quixote, 1992b.
- _____. **Profissão : Professor**. Portugal : Porto, 1995a
- _____. **Vida de Professores**. Portugal : Porto, 1995b.
- PESSANHA, E. C. **Ascensão e queda do professor**. São Paulo: Cortez, 1994.
- PONCE, B. J. O professor como sujeito da ação social ou da urgente e necessária revitalização social da profissão docente. **Revista de Educação AEC**. Brasília, v. 26, n.104, p. 85-123, jul./set. 1997.
- ROCHA, R. **Bom dia todas as cores**. Ilustrações de Alberto Linhares .3 ed. São Paulo : Quinteto Editorial, 1998. 35 p., il. color (Coleção Hora dos Sonhos).
- SANCHES, M. F. C. A autonomia dos professores como valor profissional. **Revista de Educação** da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, n. 1, v. 5, p. 41-63, jun. 1995.
- _____. Criatividade dos professores: dos seus contextos e possibilidades. In: **COLÓQUIO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE**, 4, 1993, Portugal. **Anais ... Portugal**: [s.n.], 1993, p.123-160.

VASCONCELOS, G. A. N. (org.). **Como me fiz professora**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. (Coleção O sentido da escola, 15).

VASCONCELLOS, C. S. **Para onde vai o professor ? Resgate do professor como sujeito de transformação**. São Paulo: Libertad, 1995. (Coleção Subsídios Pedagógicos do Libertad, v.1).